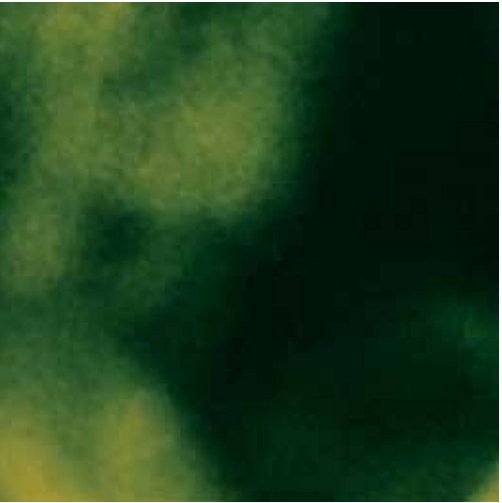
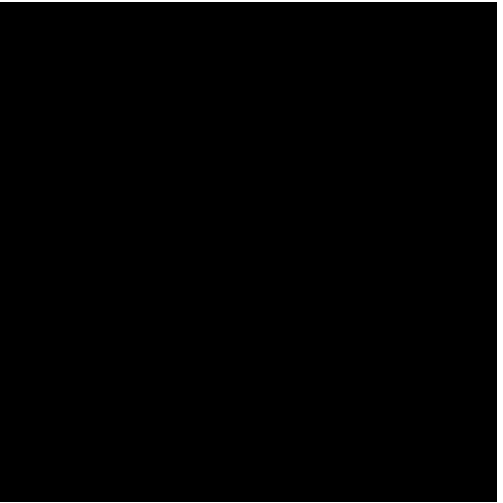
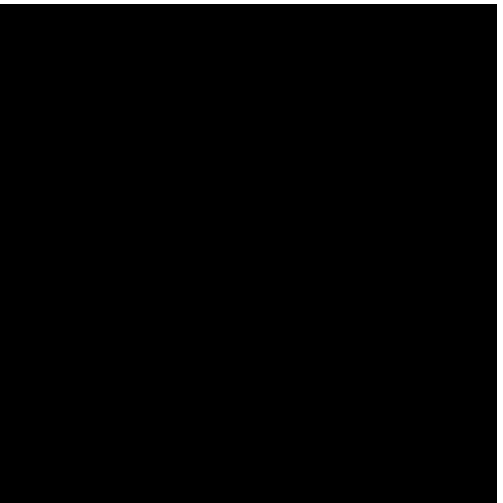
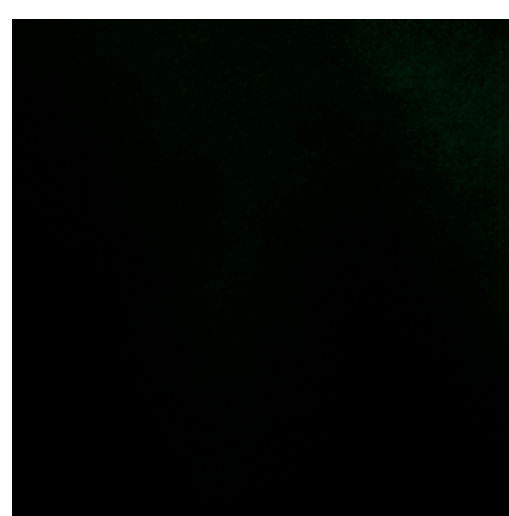
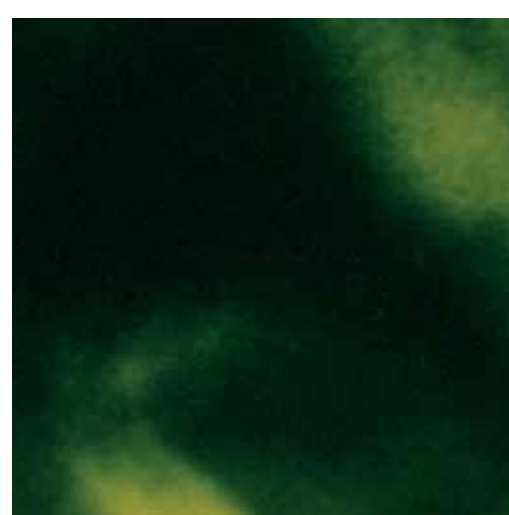
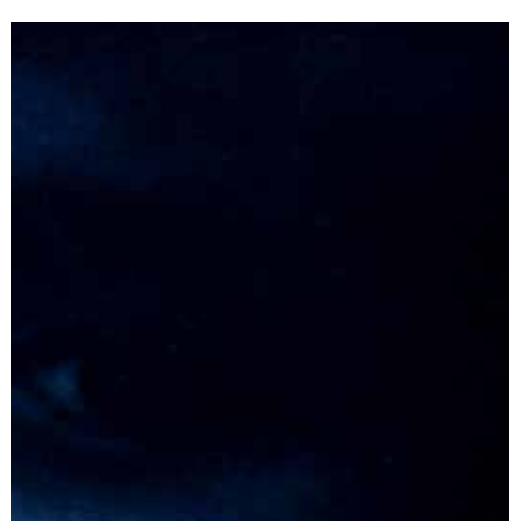


CLAUDIA  
ANDUJAR

SONHO  
VERDE  
AZULADO





PAXO IMIKI, A MENINA  
VERDE AZULADA

CLAUDIA ANDUJAR

Tranquila, deitada na rede, na floresta, perto do rio, sonha o mundo verde, exuberante, seu mundo, escutando o burburinho do rio a atravessar a densidade milenar. Das árvores, ela admira em silêncio a cor densa, azulada do céu, filtrada pelas copas, escutando o canto dos pássaros. É o mundo em que nasceram todos os Yanomami, como também Paxo Imiki, pertencendo ao universo verde azulado.

Invocados pelos pajés, é nesse mundo da floresta que os espíritos da natureza, os minúsculos xapiri pë, à imagem de animais que moram nas alturas dos montes, descem dançando. Eles vêm auxiliar o xamã no mantimento da ordem na terra. São numerosos, esplêndidos, todos enfeitados, guardiões da vida de todos nós, que habitamos a terra. Nesta mostra, eles incorporam nossos sonhos de paz.

Paxo Imiki verde azulada, retratada e exposta no Prédio Histórico dos Correios, representa uma esperança.

Os Yanomami querem manter a harmonia do verde azulado do mundo. Estão lutando contra agressões e invasões de cunho econômico, que minam o equilíbrio da vida do universo, do qual o ser humano faz parte.

## PREDIÇÃO DO FIM DO MUNDO

DEPOIMENTO DE DAVI KOPENAWA  
YANOMAMI A BRUCE ALBERT

A floresta é viva. Ela pode morrer somente se os brancos persistirem na sua obstinação em destruí-la. Se eles conseguirem, os rios vão desaparecer sobre a terra. O chão vai rachar, as árvores vão definhar e as pedras vão trincar sob o calor. A terra seca se tornará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri descerão das montanhas para brincar sobre seus espelhos e fugirão para longe. Os pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Eles não serão capazes de repelir a fumaça de uma epidemia que nos devorará. Eles não vão mais conseguir conter os seres do mal que irão transformar a floresta em caos. Nós morremos, um após o outro, e os brancos como a gente. Todos os xamãs finalmente vão morrer. Então, se nenhum deles conseguir sobreviver para segurar, o céu vai desabar.

[Texto originalmente publicado em *La chute du ciel, paroles d'un chaman Yanomami*; Paris: Plon, 2010]









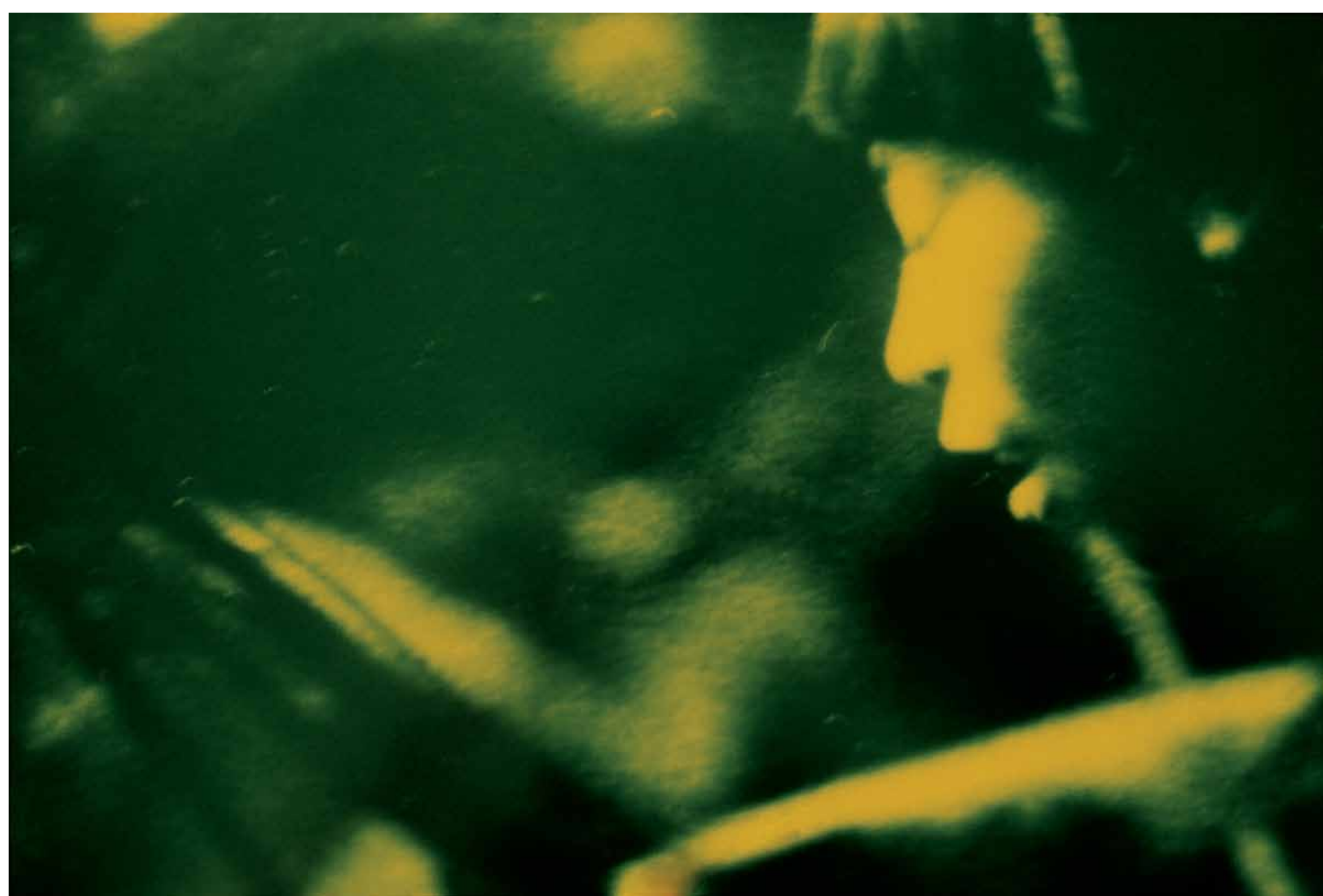






















## UM DEPOIMENTO SOBRE OS ÍNDIOS YANOMAMI

DARCY RIBEIRO



A grande dor, o desconsolo sem remédio, a tragédia atroz e quanta expressão verbal exista mais do sofrimento mais sofrido empalidecem frente a esse feixe de fotografias. Claudia Andujar nos dá aqui, na límpida simplicidade desse espelho da dor, que é a cara humana, o retrato inteiro do drama Yanomami.

Crianças que esperam, mamam, tateiam, tocam mães amáveis que olham desenganadas o fluir do tempo derradeiro. Meninos arqueiam, preguiçosos, gozosos, seus corpos flexíveis. Verdes corpos já marcados de cicatrizes. Homens perplexos, que viram morrer quase todos os seres que amavam, parecem perguntar por que ainda vivem. Por quê?

Que desgraça caiu sobre esse povo virgem da floresta virgem que assim os dilacera e dizima? Essa desgraça tem um nome conhecido, um nome de enfermidade contagiosa, mortal: é civilização! Claudia nos põe diante de mais um testemunho objetivo, inobjetável, de como a civilização se expande virulenta. Os Yanomami vivem – e disto morrem – uma instância mais desse processo feroz de desfazimento e refazimento do humano. Em sua expansão inexorável, os homens perdem a inocência, a alegria e a singularidade que guardam ao longo de milênios de existência igualitária para, desfeitos, transitar da tribalidade à civilização. Para quê? Para nada!

Sim, isso sucedeu a nós, os humanos. Desde alguns milhares de anos, em muitos lugares da Terra, alguns povos começaram a edificar cidades. Com elas, e por elas, bipartiram a condição humana, desde sempre unitária, em dois gêneros irreduzíveis de existência: o citadino e o camponês. Simultaneamente segmentaram a sociedade, até então solidária, em classes sociais antagônicas e diferenciaram seu patrimônio cultural, comum e coparticipado, em um componente erudito, dominado por muito poucos, e em um outro vulgar, das multidões.

Nesse novo caminho, o homem desabrochou realizando muitas de suas múltiplas potencialidades. Mas perdeu atributos e qualidades preciosas, que desde então sonha recuperar nas utopias mais generosas. A busca da beleza, por exemplo – que antes comovia a todos os homens e a todos dava satisfação no esforço, acessível a qualquer um, de expressar-se belamente em tudo o que fazia –, se transcendeu. Passou, pouco a pouco, a ser uma atividade especializada de artistas profissionais, cujas criações singelas de peregrina beleza muitos poucos têm capacidade de apreciar e muito menos de adquirir. A fartura da vida em comunidades voltadas para o esforço de reproduzir coletivamente suas frugais condições de existência deu lugar a formas requintadíssimas de vida faustosa para uns poucos, no meio da penúria generalizada. A condição singular de cada homem, como ser individual

e inconfundível, deu lugar a multidões incontáveis de homens sem cara que se veem e se ignoram, ou se tratam uns aos outros como categorias ou como componentes de distintos rebanhos.

O mais espantoso, porém, é que tudo isso se faz tão sofridamente para depois se desfazer, segundo tudo indica, numa sociedade não terminal, mas futura, que, voltando à condição primitiva das comunidades sem classes, devolveria aos netos dos nossos netos um pouco do que tiveram seus antepassados mais remotos. Para quê? Para nada!

Os Yanomami vivem uma das derradeiras instâncias desse processo. Tamanho foi o êxito de seu último ciclo – padronizado pela civilização europeia-ocidental-cristã – que no seu curso se desfizeram as milhares de caras em que se encarnava a humanidade prístina. Resta delas o que resta dos Yanomami e de uma dezena mais de povos arredios, escondidos nos ermos das matas mais recônditas do planeta. Do fundo dos seus refúgios, esses povos inviáveis olharam para cima da frente das árvores e viram, para além do andar mais alto dos pássaros que voam, as espantosas aves de asas rígidas que sobrevoam, perquiridoras, as suas aldeias. Também viram chegar por terra, afanosamente, subindo dos grandes rios que eles evitam como rotas muito frequentadas por tribos inimigas, uma raça de homens novos. Perceberam logo que eram gentes ferozes e diferentes.

Uns brancos demais, outros pretos demais, todos envoltos em panos e muito armados de mortíferos paus tonitruantes. Atrás deles chegaram outros homens mansos de gestos, mas com a boca cheia de verdades veementes. Para civilizá-los! Para salvá-los!

Coincidindo com a chegada de uns e outros, caiu sobre os Yanomami a hecatombe das dores indizíveis, das mortes inenarráveis. Eram agentes da civilização que se antecipavam a ela, representados pelas pestes brancas, desconhecidas até então. Umás arrombam os peitos de tosse de catarro. Outras cegam os olhos de dodói e gonorreia. Ainda outras apostemam a pele de sarampo e varíola. Outras, ainda, apodrecem e caruncham os dentes de cáries. Com elas vieram, também, as que estiolam, esterilizam e fenecem os sexos dos homens e das mulheres. Para onde foi – eles se perguntam apavorados – o poder dos espíritos da floresta virgem, que por todos os tempos protegeram seu povo preferido, os Yanomami? Que sucedeu com a potência incontestável dos antigos pajés, capazes desde sempre de prever e evitar desgraças e de curar todas as doenças? Nada podem já os espíritos, desmoralizados, talvez até mortos, como os homens. Nada podem também os pajés. Nem os novos homens oferecem nenhum remédio eficaz contra dor e a morte que chegaram com eles.

E tudo isso é só o começo. Piores são as coisas que já sucederam, e de que os Yanomami

nada sabem. Um longínquo senhor, todo-poderoso, decidiu já que eles não necessitam nem merecem um território contínuo para continuarem vivendo como sabem viver, os que sobrevivem, na mata em que sempre viveram. Ele determinou que aos índios Yanomami fossem dados dezesseis lotes da floresta virgem, separados uns dos outros não no mundo das coisas, mas no mundo das leis. Graças a essa providência previdente, agentes da nova gente entrarão como donos pelas terras que ficarem entre os lotes, a fim de abater as matas, queimá-las, convertê-las em pastagens e chamar para elas novos habitantes bovinos. Assim será, até que se convertam os lotes Yanomami em minúsculas ilhas no meio da branquitude civilizatória. Para quê? Por quê? Ignoro. Só sei que no Brasil de hoje, por algum critério misterioso, o fato de os Yanomami viverem há milhares de anos naquelas matas não lhes gera direito algum de nelas permanecerem. Sei também que a sociedade nacional que se expande sobre os Yanomami, sendo regida pela lei da pecúnia, aprecia mais o gado bovino que a gente humana. Tanto que, entre criar mais algumas fazendas latifundiárias na floresta abatida ou reservar para os brasileiros do próximo milênio uma mostra intocada da natureza amazônica – dando ao mesmo tempo aos Yanomami o espaço e o tempo de que necessitam para se adaptar às condições de vida que lhe são impostas –, preferiram a expansão latifundiária.

Estou seguro de que amanhã muitos brasileiros vão corar de vergonha por terem tido ontem – hoje, quero dizer – antepassados tão brutos como nós. Temo também que muitos homens humanos no mundo inteiro já estejam nos olhando assustados. Por que tanta violência contra índios indefesos? Qual é a fonte de tanto desamor aos homens? Que será dos Yanomami?

[Texto originalmente publicado em *Frente ao eterno: uma vivência sobre os índios Yanomami*; São Paulo: Praxis, 1978]

## FICHA TÉCNICA

INSTALAÇÃO 'SONHO VERDE  
AZULADO' DE CLAUDIA ANDUJAR

Patrocínio  
Correios

Concepção e realização  
Brazimage

Direção Artística  
Christian Caujolle  
Luciana Farias  
Mozart Mesquita

Curadoria  
Eduardo Brandão

Produção Executiva  
Luciana Farias, Brazimage

Produção  
Luiza Thesin, Brazimage

Assistência Produção Executiva  
Andreia Cacji, Brazimage

Assistente de Produção  
Deborah Lindau, Brazimage

Expografia  
Fred Teixeira

Identidade e Comunicação  
Ricardo Feldman,  
Livre Conteúdo e Cultura

Design gráfico  
Julio Mariutti

Printer  
Alex Wharton,  
Estúdio Marcos Ribeiro

Montagem  
Nathalia Ungarelli  
Lee de Castro, LeeOffice

Execução Cenotecnia e  
Comunicação Visual  
Fotosfera

Assessoria de Imprensa  
Lema +

Agradecimentos  
Bruce Albert  
Claudia Leitão  
Davi Kopenawa  
Iatã Cannabrava  
Ji Lee  
Luciana Ramos  
Marcos Ribeiro  
Paula Guinatti  
Priscila de La Rocque  
Telma Manzi

PUBLICAÇÃO

Direção editorial  
Ricardo Feldman

Conselho editorial  
Claudia Andujar  
Luciana Farias  
Mozart Mesquita

Design gráfico  
Julio Mariutti

Tratamento de imagens  
Alex Wharton,  
Estúdio Marcos Ribeiro

Revisão  
Ana Lucia Neiva

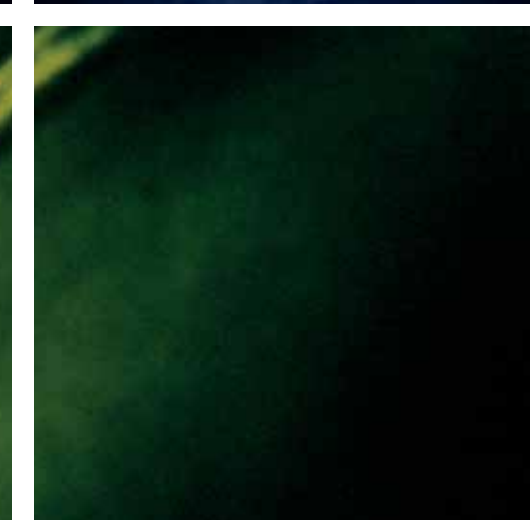
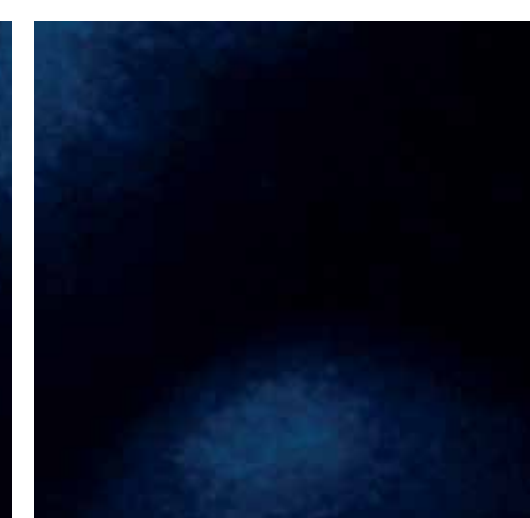
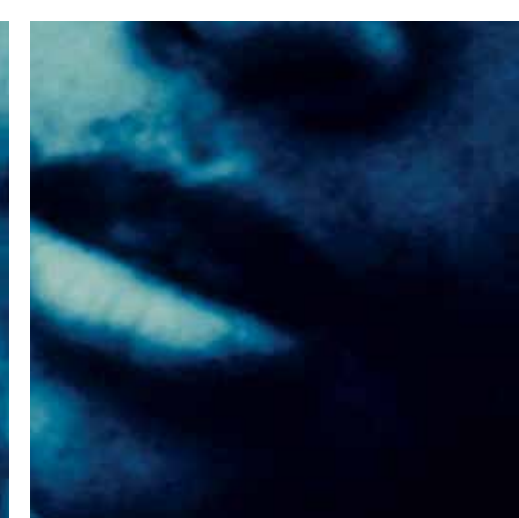
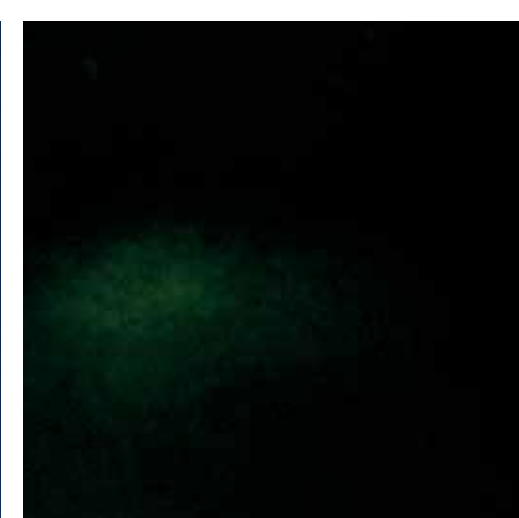
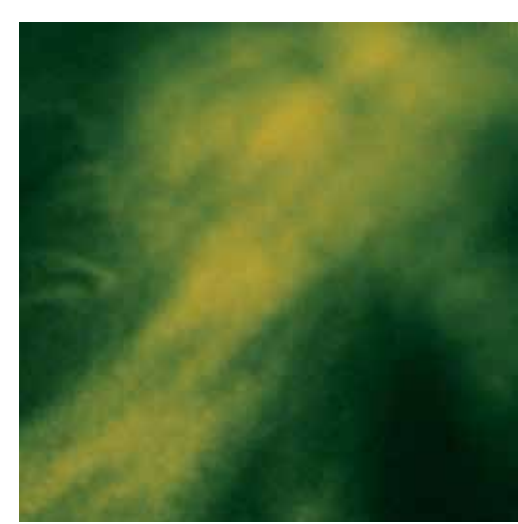
Impressão  
Pancrom

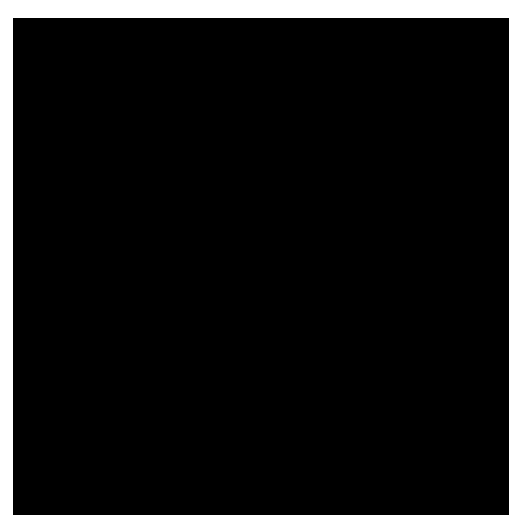
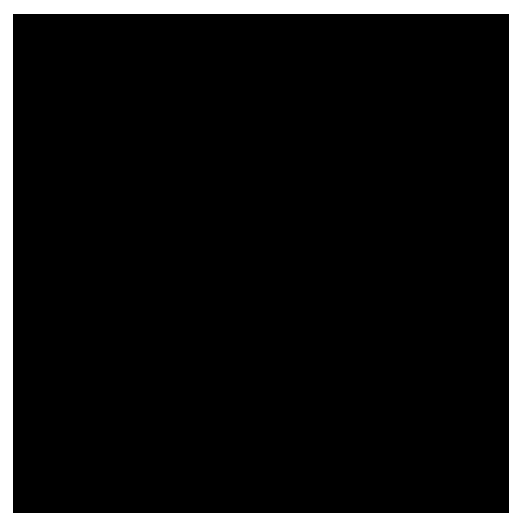
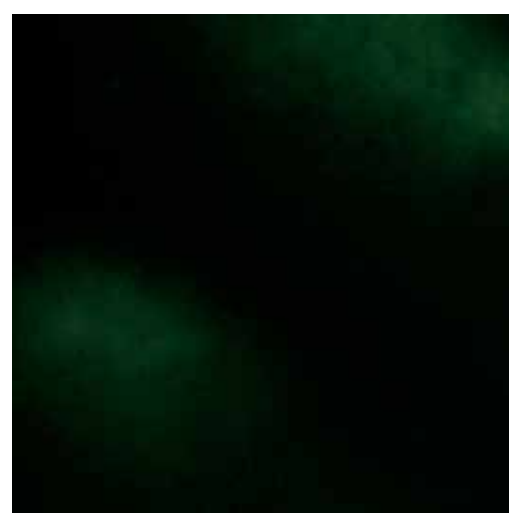
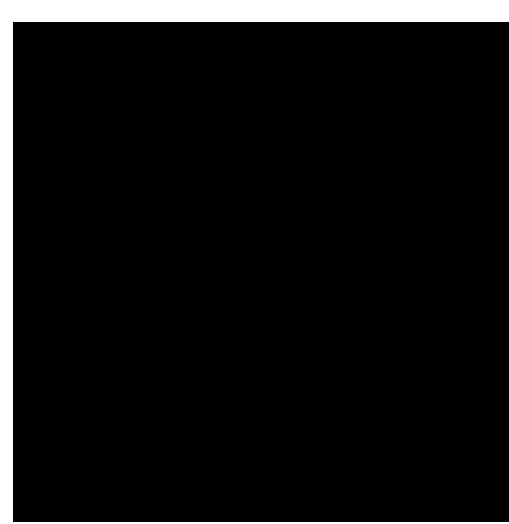
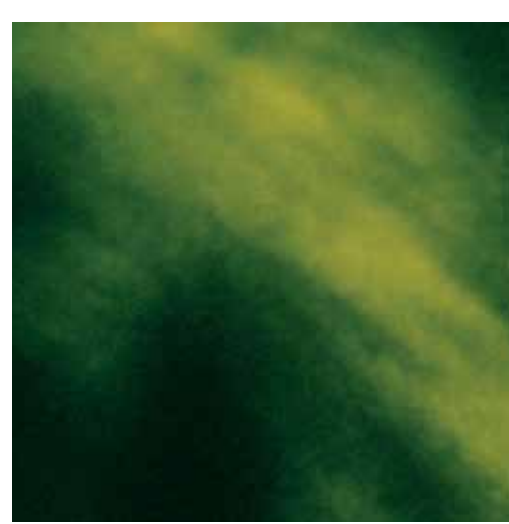
Edição

**BRAZÍMAGE**

**LIVRE**  
CONTEÚDO E CULTURA







CLAUDIA  
ANDUJAR

SONHO  
VERDE  
AZULADO